

# VOCÊS FALAM ECONOMIA, NÉ?



# ECONOMIA É COMIDA!

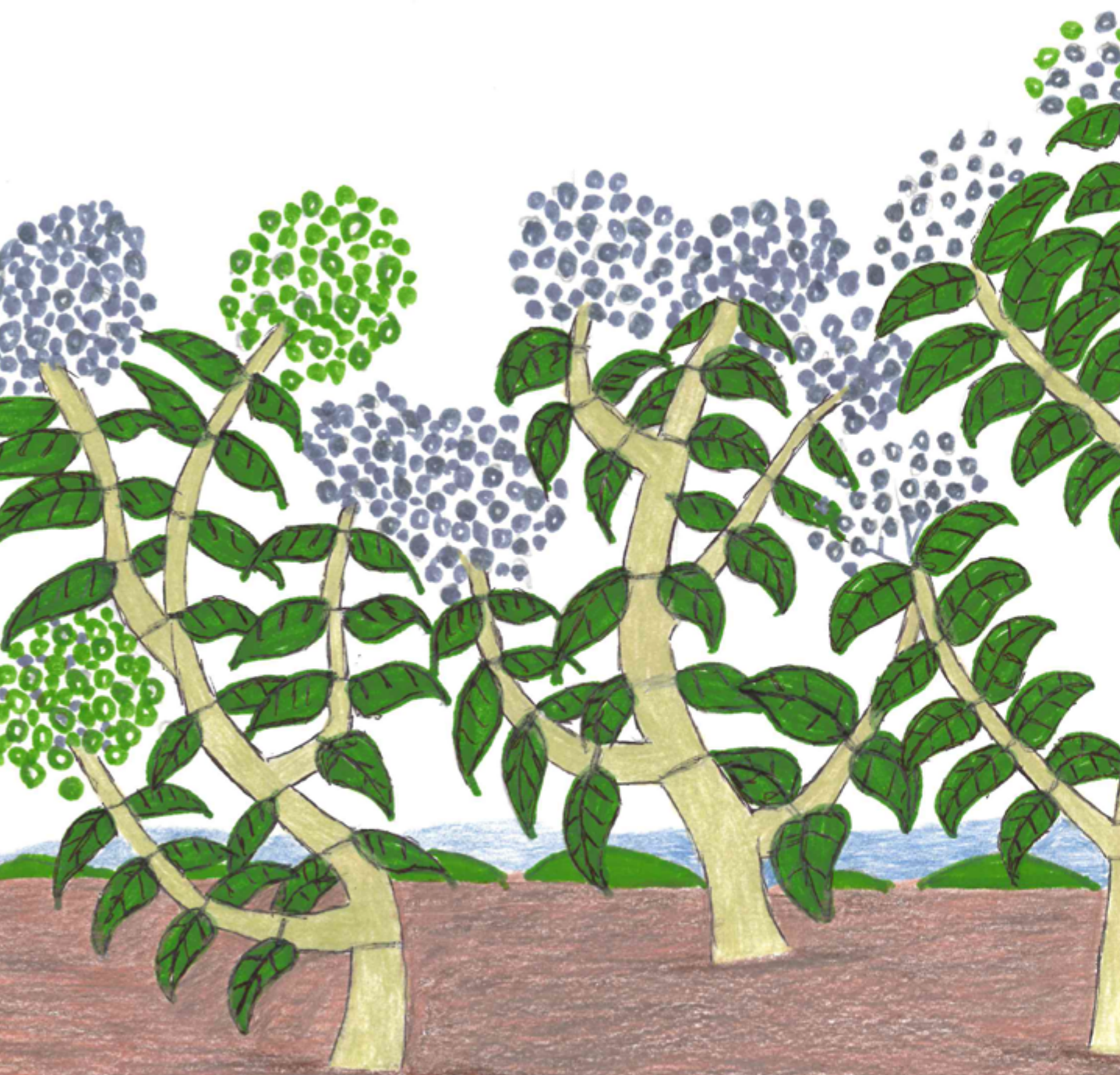
## NË ROPË, NË<sup>1</sup> ROPË A!

DOI: <https://doi.org/10.35699/2316-770X.2021.46235>



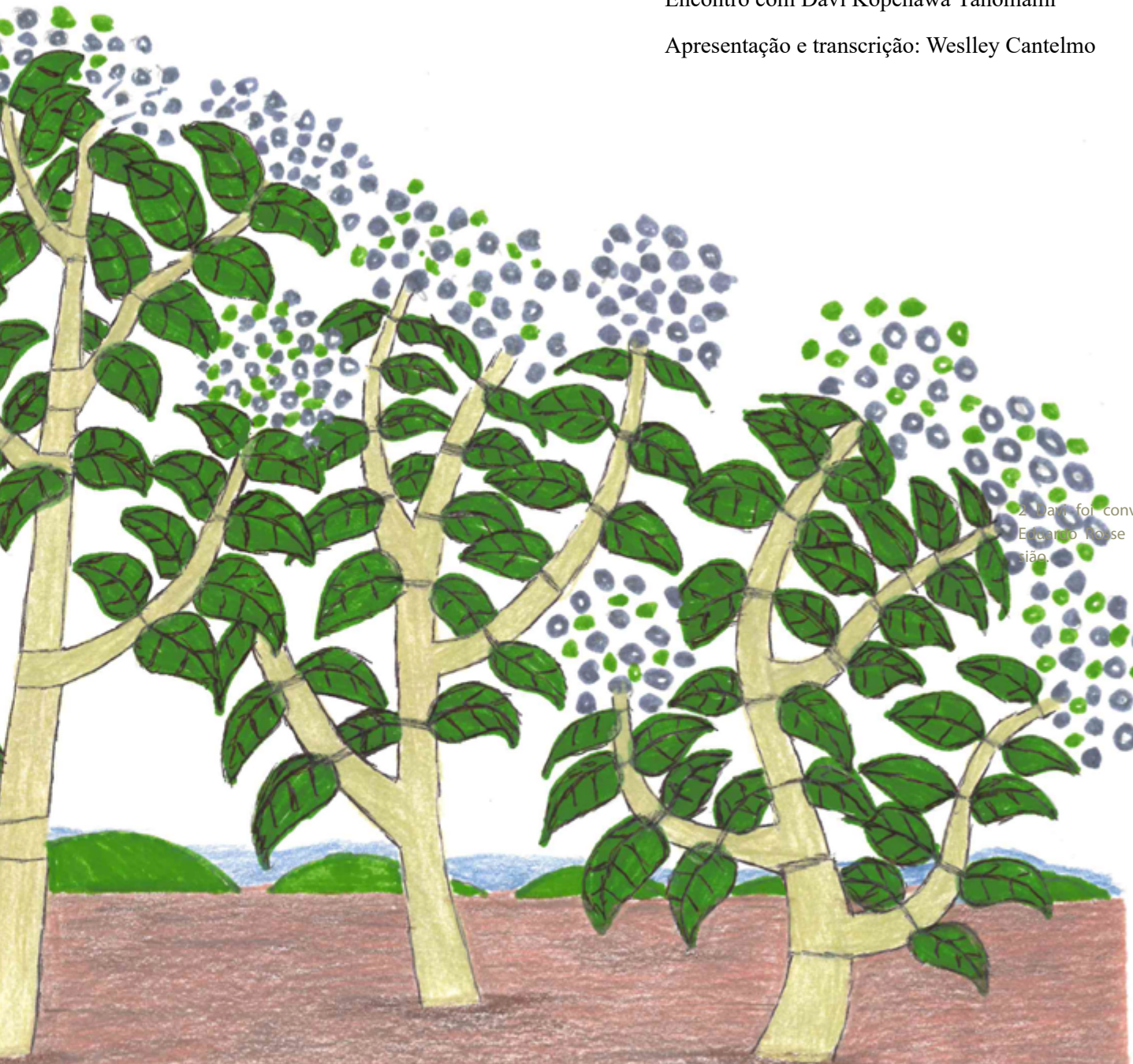
DAVI KOPENAWA YANOMAMI

VOCÊS FALAM ECONOMIA NÉ? ECONOMIA É COMIDA! NĒ ROPĒ, NĒ ROPĒ A!



Encontro com Davi Kopenawa Yanomami

Apresentação e transcrição: Wesley Cantelmo



2. Davi foi conv  
Encontro House  
ção.

1 Sinteticamente, podemos dizer que *nĚ rope* é “a riqueza que faz a terra brotar e nos alimentar” (KOPENAWA; YANOMAMI, 2020 apud GOMES et al., 2020, p. 17). Ver mais em Kopenawa (2020); cf. nota 14.

2 O encontro foi um desdobramento das colaborações com Ana Maria Machado em diferentes projetos e fez parte das atividades promovidas pelo grupo de pesquisa transdisciplinar, então credenciado no IEAT, com o seguinte tema/título: “Das economias alternativas às alternativas à economia”, coordenado por Roberto Monte-Mór, Ana Maria R. Gomes, He-loísa Costa, Geraldo Costa e Francisco Lima. Como sempre, Davi foi deixado à vontade para falar na língua que preferisse, pois contava com a mediação de Ana Machado. A transcrição aqui apresentada se refere à maior parte de sua fala que, nessa ocasião, foi predominantemente em português. Contamos com a revisão de Ana Machado para os trechos em Yanomami.

3 Davi foi convidado por Eduardo Rosse nessa ocasião.

4 *NapĚ* tem o significado de “forasteiro/inimigo”. Ver em Kopenawa e Albert (2015, p. 610, nota 2).

No dia 19 de setembro de 2018, um grupo de pesquisadores, de diferentes áreas, organizados pelo Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da Universidade Federal de Minas Gerais (IEAT-UFMG), teve a oportunidade de se encontrar e ter uma rica conversa, de uma tarde inteira, com uma das figuras mais representativas dos mundos indígenas das Américas, Davi Kopenawa Yanomami. O lugar do encontro, por si só, era instigante e sugestivo quanto ao possível tom da conversa: a Faculdade de Ciências Econômicas (FACE) da UFMG.

O histórico de encontros da UFMG com Davi Kopenawa é significativo. Em 2013, ele veio como catedrático do IEAT, ou seja, convidado como professor. Na oportunidade foram discutidos três temas, que de algum modo voltaram a essa conversa aqui apresentada. Davi nos ajudou a compreender o que é a *hutukara*, *urihi* e os *xapiri*, que estão sempre presentes, cuidando do mundo como um todo. Foram conferências que contaram sempre com um grande contingente de pessoas, o que não permitia conversas, propriamente ditas, “de perto”. Em 2015, Davi retorna à UFMG para apresentar seu livro, “A queda do céu”, que havia sido traduzido para o português. Novamente, foi um encontro com muita gente. Mesmo nessa última oportunidade, antes da conversa na FACE, Davi teve um encontro na Escola de Música, lugar em que talvez, em função de pesquisas e atividades desenvolvidas ao longo de mais de uma década por docentes e pesquisadores, em especial da Etnomusicologia, poderia ser previsível a visita de um *xamã*<sup>3</sup>.

Dessa vez, porém, a proposta era uma conversa com pessoas envolvidas em trabalhos específicos, leitores do Davi, interessados em aprofundar mais a conversa em temas complicados para *nós* e para ele.

Foi um verdadeiro “namoro de onça”, como ele próprio referiu, no qual Davi não abriu mão de fazer interpelações diretas a *nós*, *napĚ*<sup>4</sup>, interessados em encontrar caminhos de “outras economias”. Davi foi claro e bastante direto ao dizer que não é fácil e que *nós* e *eles* [Yanomami e outros indígenas] somos muito diferentes. No nosso caminho não nos tornaremos *eles* e eles, em seu próprio caminho, em seu “canalzinho de água”, não se tornarão *nós*. Mas o diálogo, o pensar juntos, não somente é possível, mas urgente e fundamental.

Muitos de nós, ansiosos por uma saída, indagamos a Davi: “o que fazer?”; “como construir?”; “é possível?” De maneira serena e preocupada, ele nos avisa que precisa-

mos nos entender com nosso “chefe”, com o Estado e o “capitalista”, aquele que “não quer enxergar”, mas se coloca à disposição para o diálogo, para conversarmos juntos, fazer uma *aliança*, que tem como ponto em comum a necessidade de proteção da floresta. A floresta é fundamental para a vida *deles*, mas também para a *nossa*, ainda que não tenhamos conseguido enxergar.

Davi nos apresentou uma pedagogia da *paixão*. *Eles*, desde sempre, aprenderam a olhar para a floresta com paixão. É o que nos falta, aprender a nos apaixonar pela coisa certa. Até então, desde muito tempo, nossa paixão é a mercadoria, em detrimento da vida.

A conversa se inicia com uma provocação realizada pelos professores Roberto Monte-Mor, da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE-UFMG) e Ana Gomes, da Faculdade de Educação (FAE-UFMG). Foi exposto a Davi o interesse daquele grupo no tema “das economias alternativas às alternativas à economia”, especificamente o segundo lado dessa “equaçãozinha”. O grupo que se reuniu com Davi, na oportunidade, era de pessoas/pesquisadores tentando experimentar um outro modo de se organizar, distinto daquele sintetizado pela “economia”, porém, de dentro da sociedade do “povo da mercadoria”. Nos importa(va) outro caminho, novas formas de organização da *nossa* sociedade. Inclusive, porque sabemos, *nós* e Davi, que o encontro, para além daquela sala, na história do “povo da mercadoria” com os povos indígenas, é contornado, de nossa parte, por violência e desrespeito.

Nessa busca, logo de saída, chamamos a atenção de Davi Kopenawa acerca de nosso interesse por outra palavra, parecida com “economia”: a “ecologia”. Ecologia como expressão de uma preocupação com o amanhã, a partir dos problemas que enfrentamos para a preservação da vida – problemas que *nós*, *napĕ̃*, provocamos com a gana de *produzir*. Sem nenhum pudor, levamos essa questão a Davi: “é possível a convivência entre o mundo da economia – um mundo *napĕ̃* – e o mundo da ecologia?”. Em suma, era um pedido de ajuda, a partir do nosso *locus*, a universidade.

A seguir, o leitor poderá acompanhar uma fala inicial de Davi Kopenawa, seguida de uma sequência de perguntas, comentários e suas respectivas respostas<sup>5</sup>.

5 Durante suas falas, Davi Kopenawa utilizou diversos termos e expressões em yanomami. Para esses termos, ao longo do texto, foram inseridas notas de rodapé com breves explicações e sugestões de tradução e leitura para melhor entendimento, em geral, baseadas no próprio livro de Davi Kopenawa e Bruce Albert – “A queda do céu: palavras de um xamã yanomami”.

6 Urihi tem o significado de “terra-floresta”. É um significado amplo, pois é locus de sustentação da vida, algo próximo à noção “branca” de mundo. Por isso urihi, como dito por Davi, é o “ecológico”, a “prioridade”. Para a expressão em si, ver Kopenawa e Albert (2015, p. 609, nota 7).

7 Urihi noamatima pode ser entendido como defesa ou defensor da terra-floresta. Ver Kopenawa e Albert (2015, p. 609, nota 7).

8 Omama é o demiurgo na mitologia yanomami. Ver, em especial, o capítulo 2 de “A queda do céu”, “O primeiro xamã”, em Kopenawa e Albert (2015, p. 80-87).

9 Aqui Davi Kopenawa faz referência à terra em seu sentido pedológico, logo, maxita. Ver em Kopenawa e Albert (2015, p. 679, nota 11).

10 Koyori Yanomami é o ancestral mitológico da saúva ou formiga-cortadeira, que descobriu na floresta a fertilidade para roças e transmitiu esse conhecimento aos Yanomami. Ver em Kopenawa e Albert (2015, p. 211, 632, nota 30)

**Davi Kopenawa:** Boa tarde! Eu me chamo Davi Kopenawa Yanomami. Sou presidente da Hutukara, Associação Yanomami. Sou representante do povo Yanomami de Roraima, na Amazônia. Sou pajé: é como um médico, um enfermeiro, eu sou assim.

Minha comunidade se chama *Watorik*, que é assim, a Serra do Vento. Mês de fevereiro e março venta muito, então colocamos o nome da comunidade de *Watorik*. É também de onde sai água, lá em cima, na montanha. Eu escolhi um lugar sadio, onde não passa ninguém de barco, de canoa e outras coisas assim. Então, eu moro em um rio pequeno.

É importante a gente conversar e aprender juntos. Eu ensino a vocês e vocês me ensinam também, para melhorar a fala do português, dialogar melhor, porque a língua portuguesa não é fácil também.

A prioridade é o ecológico: *urihi*<sup>6</sup> *urihi noamatima*<sup>7</sup>. Yanomami chama *urihi*. O meu povo é antigo e o criador se chama *Omama*<sup>8</sup>. Ele escolheu o seu nome: *Omama*. Ele é o primeiro Yanomami do território. Ele que criou a nossa ecologia, *urihi*. Primeiro ele pensou: “vou criar *urihi*”, a floresta, plantar o que a gente come: fruta, castanha, buriti, pupunha, cacau e outras frutas que vocês não conhecem. Essa região da Amazônia tem muitas coisas boas. Então é assim que *Omama* pensou: primeiro vamos plantar a ecologia, *urihi*, para fazer sombra para a terra, para ela não ficar muito quente. Então *urihi* cresce, fica com vinte a trinta metros, para fazer sombra para nosso planeta Terra. A essa eu chamo pulmão da Terra, a floresta. E a terra é *maxita urihi*, que o povo Yanomami usa, experimentou plantar<sup>9</sup>. O primeiro que pensou em fazer um roçado foi *Koyori Yanomami*<sup>10</sup>, para cuidar da alimentação, que a gente come até hoje: banana, macaxeira, cará, taioba e outras plantas, como cana-de-açúcar e a pupunha, que vocês não conhecem. O meu povo Yanomami, antigo, acha muito importante, para todo mundo, não só para o Yanomami, mas *napë, napë pë yai*<sup>11</sup>. Então eles fizeram um plano, plano de ação, como vocês falam. Por que plantar uma árvore? Vou plantar para motivos medicinais, remédio, para usar quando ficar doente. Quando fica doente já tem remédio na floresta. Nosso *xapiri*<sup>12</sup> trata e também se usa o medicinal da floresta.

Então o meu povo se acostumou. Deu certo, a alimentação nasceu, terra boa, ficamos com a barriga cheia. Vocês comeram hoje, né? Vocês comeram e agora estamos todos de barriga cheia. A terra também precisa de barriga cheia, a terra também pre-

cisa de vitamina. A folha da árvore cai no chão, as flores e as frutas caem e a terra vai fazer adubo. Tem a minhoca, que deixa a terra úmida. Onde não tem minhoca a terra é dura, porque não tem vitamina. Então é assim que *Omama* se criou.

O povo Yanomami não precisava de dinheiro. *Omama* ensinou certas coisas que funcionam bem, que não estragam a terra e a floresta. *Omama* que escolheu o caminho bom, limpo, sem destruição. Assim que os Yanomami se acostumaram: a usar a floresta viva, floresta em pé. Não precisa derrubar. Precisa derrubar para fazer roçado, mas é assim: cem metros quadrados. E nós [Yanomami] quando – *pata*<sup>13</sup> derruba uma árvore, dessas assim grandes – derrubamos uma árvore, a aproveitamos para fazer fogo, para cozinhar, assar e esquentar também. Porque nós, Yanomami, não usamos cobertor, cama, dormimos na beira do fogo. Esse é o costume yanomami.

Então *urihi* e *nĕ ropĕ*: *urihi* é muito importante<sup>14</sup>. A floresta quando é verde é assim muito bonita, é ligada com o povo Yanomami, para ficar com saúde, para viver bem, com barriga cheia, alegria, com as crianças brincando. Porque a floresta está protegendo. A floresta é uma vida. A gente considera como um amigo, mãe, pai, irmã e irmão. Porque o Yanomami nasce lá dentro, nasce na floresta. Nasce, cria, cresce e aprende a olhar. Então cresceu, tem que cuidar. Então o costume de Yanomami funciona assim.

Lá dentro [território yanomami], nas montanhas – tem montanhas bonitas – lugar alto e lugar baixo também, onde *Omama* colocou lugar da terra, uma região, para fazer roçado. *Omama* colocou o lugar das montanhas, para proteger e gerar água. E *Omama* colocou montanhas bem no alto, onde é o lugar dos *xapiri*, para viverem melhor. *Omama* colocou o lago, onde é o lugar dos peixes, separado. Tem o rio limpo, onde [fica] o peixe – pirarara, pirarucu, peixe-boi. Essa é a terra dos peixes diferentes, não tem piranha. E para tomar água limpa, tem uma cachoeira funcionando, não é para ficar parada, não. Fica o tempo todo jogando água para o rio grande, para o mar, nos igarapés. Então esse é o pulmão da terra, pulmão da floresta, para ela ficar úmida. É assim que *Omama* deixou a sabedoria para nós. O pensamento que fica aqui [na mente – Davi aponta para a cabeça]. Tem que ser bem cuidado, bem guardado para não deixar ficar fora do nosso pensamento. Tem que ficar atento para ficar na cabeça os saberes que *xamã* cuida e guarda o histórico. Assim que o criador, *Omama*, criou a floresta, o ecológico.

11 No momento da conversa e mesmo no áudio da gravação não ficou muito clara a expressão em yanomami dita por Davi. Mas infere-se que foi dito “*napĕ pĕ yai*”, que significa “verdadeiros forasteiros/inimigos”, expressão geralmente utilizada para designar os brancos. Ver em Kopenawa e Albert (2015, p. 634, nota 13).

12 Os *xapiri* podem ser entendidos como “imagens espirituais”, a razão e causa da natureza – *hutukara*. Para mais, ver, especialmente, o capítulo 3 de “A queda do céu”, “O olhar dos *xapiri*”, em Kopenawa e Albert (2015, p. 88-109).

13 Nessa fala, Davi utiliza a expressão *pata* de maneira abreviada para fazer referência a *pata thĕ pĕ*, que é a designação para líderes de facção ou de grupos locais, que, entre outras funções, definem os locais para a implantação do roçado. Para a expressão em yanomami, ver Kopenawa e Albert (2015, p. 610, nota 4). Para a compreensão da função de “grande homem”, recomendamos a leitura do capítulo 17, “Falar aos brancos”, de “A queda do céu”, em Kopenawa e Albert (2015, p. 375-393).

14 Sobre a noção de *nĕ ropĕ*, ver texto da curadoria de Davi Kopenawa para a exposição “Mundos indígenas”, no Espaço do Conhecimento da UFMG (KOPENAWA, 2020).



Nós somos muito poucos – nós, Yanomami, e outros índios. Outros não estão sabendo de nada sobre o que é proteger. Outros pensam: “nasceu sozinho, então não vou cuidar, porque não é meu”. Outros parentes pensam isso, eles não entendem. Eu aprendi a escutar o mestre, pajé grande, que tem responsabilidade de cuidar do pulmão da terra.

Somos muito poucos. Estou tentando explicar para vocês para nós ficarmos juntos, andar junto e pensar junto. Tentar fazer funcionar. Tentar aprender a olhar na frente. Olhar a ética. Não é trabalhar à frente da terra, não. Tem que olhar a ética. Ver aonde vamos chegar. Partida e chegada, lá. Quem vai chegar é outra geração, nossos filhos. Nós estamos fazendo, construindo o nosso caminho. Nós estamos construindo o caminho limpo, sem destruir, sem desmatamento. Caminho verde, com saúde, cheio de comida, de caça, arara, mel de abelha, paisagem bonita. Quando a gente olha a floresta, eu fico muito contente e com vontade de chorar por ela. Porque a floresta amazônica é única. A única que nós temos. Nós, Yanomami, não temos outro lugar para sair e depois morar outra vez. Nós não temos saída. Então nós temos que cuidar, ficar amigos, em torno da terra de verdade. Outros parentes, como Macuxi, Xavante, Kaiapó, eles pensam a mesma coisa. E jovem, homem e mulher nova, eles vão aprender a olhar, este olhar. Assim que eu venho pensando. *Napë*, assim, de 40, 50, 80 anos, nunca vai aprender. Porque já está acostumado com outro caminho, que é bom para ele, mas que não sabe o que ali, na frente, vai acontecer.

Da floresta, *urihi*, o povo Yanomami é um guardião. Não precisa [o povo Yanomami] fazer cidade. Prédio alto, gastando energia, sofrendo e trabalhando como um escravo. Nós, povo Yanomami, não nascemos com tipo para escravo. Dentro da lei, da política yanomami, não tem escravo. Todo mundo trabalha, tem sua roçada, sua família, sua casa. Não queremos escravos. Escravo [cultura de escravidão] não entrou no *urihi* yanomami. *Omama* não quis. É por isso que estamos preocupados – Yanomami, Wapichana, Kayapó e outros parentes. Porque não deu certo, como Belo Monte: ali é floresta, tem rio e o rio tem dono. Mas sujaram o rio, estragaram o rio. Agora estão falando: a PEC 215<sup>15</sup>. Dá muita tristeza para nós. Hidroelétrica: o governo colocar na terra indígena não vai dar certo para nós. Porque a floresta vai ficar no fundo, depois vai ficar doente, as árvores ficam secas. E fazer barragem na floresta também não é certo, não é bom. Você pode fazer na sua casa, no seu lugar, onde você nasceu. Mas onde índio

15 Proposta de Emenda à Constituição nº 215/2000, que tem como proposta estabelecer ao Congresso Nacional a competência de demarcação de terras indígenas (BRASIL, 2000).

nasceu tem que respeitar. Aprender a respeitar a sua lei, a Constituição Federal, não pode passar por cima.

Nós, Yanomami, somos apaixonados, amamos nossa terra. Por isso não pode maltratar. E *napẽ* também, como vocês que estão aqui na Universidade Federal de Minas Gerais, tem que aprender a olhar e se apaixonar pela floresta. Porque a floresta é nossa vida, plantação.

A nossa moradia é diferente. Nós moramos em uma aldeia, do tamanho do Mineirão<sup>16</sup>. Vocês imitaram, parece [risos]. Nossa maloca é redonda. Nós, Yanomami, moramos em maloca. Somos diferentes. Não tem luz. Não precisamos de luz. Já tem a luz do sol, que clareia tudo e ninguém paga. É de graça. Essa aqui não [luz a partir de energia elétrica], vocês pagam. Pegam com o dinheiro de vocês. O seu chefe pega o dinheiro e não vai deixar morar na frente, porque não é seu. Então, lá na terra yanomami não tem isso. Não tem luz, não tem água gelada, não tem *freezer* para proteger carne, para não deixar apodrecer. Caça a gente mata e come hoje. Comida nova, gostosa. Banana não estraga. Macaxeira a terra é quem cuida: um verdadeiro *freezer*. É muito diferente.

Vocês, não indígenas, desenham mapa, desenham *urihi*, a terra, e como vocês vão fazer a casa, a rua atravessada. Para tudo vocês fazem o plano de ação sobre como vocês vão plantar a sua cidade: onde vai colocar o cano de água, a luz. Isso é muito trabalho! Quem sabe fazer isso é engenheiro. Isso lá na minha casa não tem. Só tem uma árvore: vai, pega uma panela e vai fazer. Nossa moradia é diferente. Vocês moram muito diferente. A casa de vocês é cheia de pedras, tiradas das montanhas e do rio para o abastecimento aqui. Fica bonitinho. A sua moradia é muito diferente. Casa de alvenaria. Vocês andam de gravata e com casa cheia de vidro, bonitinha, prédio alto. Parece uma caixa de fósforo. Não tem mato: só um pedacinho. A capital – é diferente – o Estado. O Estado é muito forte para nós, porque ele manipula. Manipula nosso costume e nosso pensamento. Tem muita coisa que a civilização – que pensa muitas coisas – tem de bom e de ruim. Vocês não se iludam!

Nós, Yanomami, não temos dinheiro. Não tem mesmo. Pajé tem remédio de medicina, tem. Mas como vocês usam, para pagar remédio, pagar médico, pagar atendimento, pagar os trabalhadores, não existe. A gente se acostumou a morar sem dinheiro. E ninguém vai morrer de fome ou de sede, a natureza oferece tudo para nós. Como não tem remédio, não tem recurso na comunidade, nós temos resistência. Até hoje o

16 Estádio Governador Magalhães Pinto, popularmente conhecido pelos fãs de futebol como “Mineirão”, localizado na região da Pampulha, nas vizinhanças do campus da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

meu povo está vivendo sem dinheiro, mas somos resistência, somos protegidos da força da natureza, da força da grande alma da terra. É por isso que eu estou aqui, sentado, contando para vocês. O meu pajé, da aldeia, me cuidou para eu não morrer, para eu contar a história do meu povo Yanomami, história da floresta, *urihi*. História de que o índio mora sem dinheiro, sem trator, sem avião, sem carro. Disso não precisamos. Somos povo diferente, de língua diferente. Não temos escola, mas sabemos falar. Não temos médicos. Não temos professores e professoras para ensinar nossos filhos. Não precisa: nós, pai e mãe, é que ensinamos, educamos, nossos filhos. É diferente. É por isso que estamos na luta, para continuar o Yanomami vivendo como ele nasceu, como se criou. Essa é minha luta, para garantir os direitos do povo Yanomami.

Economia. Vocês falam economia, né? Economia é comida! *NĚ ropĕ̃*<sup>17</sup>, *nĚ ropĕ̃ a!* Economia que está na floresta, que está na parte da terra. Economia é as pedras preciosas, é petróleo, óleo, minério, a terra, carvão. Minério que faz arma, espingarda, pólvora, bomba atômica. O pensamento da civilização está só nesse caminho. Só isso que está olhando, porque *napĕ̃* se acostumou, desde quando eu e vocês não havíamos nascido ainda. O *napĕ̃* do passado, o governo passado, se acostumou. E agora estão piorando. Se acostumou, usou, achou bom. Achou fácil andar de carro, sem gastar a energia das pernas. Carro leva vocês e avião leva nós. Então, o petróleo é o mais importante para vocês, é fundamental, que nunca vocês vão esquecer, nunca vão abandonar. Sempre fica o petróleo. Sem vela o motor não funciona, sem pneu o carro não anda. Sempre trocando as peças quebradas. Sempre o homem da cidade fica procurando. Isso se chama *matihipĕ̃, matihi wamak pihĭ ěrakema* [mercadorias, vocês se apaixonaram pelas mercadorias]. Nós, povos indígenas, estamos ficando doentes como vocês adoeceram. Estamos ficando doentes usando isso aqui [apontando para um celular]. Isso aqui é bactéria na cabeça. Quem manipula isso daqui? Satélite. Homem que diz que é muito inteligente, mas é inteligente só para roubar nosso dinheiro público. Quem manipula isso? Televisão [por exemplo], só para todo mundo ficar olhando para a televisão. Não estão olhando a ecologia, que é mais importante. Fica só olhando a madeira para derrubar, para negociar para outro mundo, para outro lugar. Uma vez passei lá em Belém, tem um navio, vi muito barco grande levando as madeiras nossas para outro lugar. Essa é troca, negociação, que autoridade grande fica negociando e levando nossos materiais, nossas mercadorias. Isso é costume dos *napĕ̃*. *Napĕ̃*, que

17 Sinteticamente, podemos dizer que *nĚ ropĕ̃* é “a riqueza que faz a terra brotar e nos alimentar” (KOPENAWA; YANOMAMI, 2020 apud GOMES et al., 2020, p. 17). Ver mais em Kopenawa (2020); cf. nota 14.

digo, é sociedade civil, negócio de dinheiro. Outro *napĕ*, do outro lado do mundo, diz: “brasileiro, você me dá uma tonelada de ouro e te dou tanto em dinheiro para você”. Isso é mercadoria. Então, eu chamo povo da mercadoria. Todos: Brasil, Europa, Japão, Estados Unidos, Alemanha – onde eu conheço – Inglaterra. Lá na Inglaterra tem um monte de carro velho, que parece uma montanha, amontoado de carro velho. Esse é o pensamento do capitalista, pensamento da mercadoria, só se apaixona com o brilho da terra. Assim que eu aprendi, andando, viajando e lutando. Isso aí é bom para vocês. Eu não estou reclamando, estou explicando o erro do nosso chefe, o erro do governo. Estão fazendo ilegal. Trabalho ilegal e sujo. Destruição da terra. Sujando o rio. Sujando os igarapés. Cortando as montanhas. Eu não estou reclamando, mas explicando como eu vi. Para vocês também aprenderem e para pensar junto. Para ficarmos amigos. Eu estou fazendo um bom trabalho para meu povo Yanomami e também [para o povo] da cidade. Aqui tudo é meu país. O Brasil é meu país. O meu povo já tomou conta, já cuidou, então, é meu país. Eu já perdi, mas estou aqui na cidade, em Belo Horizonte, então é meu país. Estou aqui sentado para discutir, para olhar para outro lugar limpo, para proteger. Então, economia é muita coisa que vocês, *napĕ*, gostam de usar. E estão querendo usar mais ainda, tirar mais ainda. Vi ali uma coisa pendurada em uma casa grande. Como vocês chamam, uma parede pendurada lá no ar? Estação espacial. E tem gente trabalhando lá. Vai fazer o quê, isso daí? Povo maluco [risos]! Está lá, trabalhando, olhando as estrelas, para nós também – de lá para cá – e estão destruindo o pulmão da terra. Isso é muito perigoso para nós. É muito ruim para nós, Yanomami, e outros indígenas. Essa é a economia que o *napĕ* já se acostumou faz tempo. Isso ele não vai largar, nunca. Ele não vai escutar de mim e nem vai escutar esse escrito que está aqui [referência ao seu livro, “A queda do céu”]. Vocês estão lendo, então vocês vão escutar, mas o capitalista, que quer dinheiro: ele tem orelha, mas parece estar surdo, tem alguma coisa ali que está retendo. Ele fica olhando, mas não quer ouvir de nós. Isso se chama desenvolvimento. Desenvolvimento para desenvolver a cidade: loja, mercadoria, fazer mais prédio, criar boi, Belo Monte, água para colocar dentro da garrafa para vender. Isso é desenvolvimento. Estão sujando a água, pegando na montanha. Mais tarde vai sujar também. Tem que ter muito cuidado. Vai ter briga entre nós. Tem que ter muito cuidado com o desenvolvimento e mercadoria. Acho que para mim já chega: já tem cidade pronta, já está tudo iluminado, já está tudo ok. Agora, por que o governo

não pensa em fazer roçado, alimentação para o povo comer? Não, mas já vai fazer mais estrada e quebrando a pedra para fazer uma estrada de trem. *Napĕ* fica querendo mais. Eu não entendo isso. Esse não é meu costume, não. O meu costume, onde eu conheço, onde eu vivo, onde eu como, descanso e sonho. Esse é meu lugar.

**Pergunta:** Davi, não sei se viu, mas aqui na UFMG, tem uma torre alta, torre de celular, que fizeram ela imitando uma árvore. Você já viu?

**Davi Kopenawa:** Uma árvore de mentira? Louco! Esse homem é louco, nós somos homens loucos. Tem que ter a mulher para nos ajudar, para não fazer isso. Puxar a orelha.

**Pergunta:** Vocês tiveram, lá na terra yanomami, um período de invasão e destruição e tiveram que fazer a recuperação. Aqui nós temos vivido isso também, com a mineração. Como podemos fazer essa recuperação, assim como vocês?

**Davi Kopenawa:** É difícil. Homem destrói, deixa buraco e depois vai destruir em outro lugar. Serra Pelada, em Roraima, onde garimpeiro deixou um buraco grande. O buraco já está apodrecendo. Água cai e fica podre. Lugar fica podre. O *napĕ* destrói e não vai consertar. Deixa largado. Não tem como consertar.

**Pergunta:** E a pessoa que fica apaixonada pela mercadoria, tem como consertar?

**Davi Kopenawa:** Também não. Já está apaixonado faz tempo, mais de 500 anos. Quer mais. Olho grande e barriga cheia. Homem da cidade, capitalista.

**Pergunta:** Mas hoje tem muita gente que está procurando outra paixão, que não seja a mercadoria, e tenta se aproximar de vocês. Estamos interessados nisso, nesses outros grupos que dizem não ao capitalismo e vão procurando outras formas de organização. Isso vai desde os índios daqui – os Xakriabá, por exemplo. Cada vez mais surgem outras formas, aqui. Comunidades produzindo com dinheiro próprio ou trocando e vendendo diretamente. Isso que a gente está tentando ver como fortalecer. Vocês negociam com outras aldeias e povos?

**Davi Kopenawa:** Temos o costume yanomami, a gente troca arco e flecha [por exemplo]. Comida e caça, não. Caça ninguém troca. Só chamamos outras comunidades para participar de grandes festas que temos e damos a comida. Tem que ter bastante comida, quinhentos, mil cachos de bananas pendurados, para todos comerem por um mês. Tem que ter bastante comida plantada no roçado. Esse é costume originário. [A gente] chama outra comunidade yanomami. Só entre nós.

**Pergunta:** Achei uma parte superbonita do livro [“A queda do céu”]: a roça já está no chão [na terra]. Parece o trabalho de um escultor. Diferente da roça do agricultor, do branco, que se coloca contra a natureza, que derruba tudo para fazer um roçado gigantesco, geralmente de uma coisa só. Então, eu queria saber, esse processo de descobrir a roça, uma mata virgem, uma capoeira, como veem que roça está ali?

**Davi Kopenawa:** É *pata* que vai escolher. É uma liderança da aldeia. São dois. Entram e olham o lugar só para colocar roçado. Identifica as árvores que estão acima da riqueza. Cacau e outras [ditas na língua yanomami], lugar específico da roçada. A natureza já colocou ali, para nós usar. No alto não pode, é protegido. O igapó também não se usa, tem que ser preservado, para garantir a vida da terra.

**Pergunta:** A escolha tem a ver com as plantas que estão lá?

**Davi Kopenawa:** Isso, ali onde a terra é boa. Tem cacau, samaúma. Ali a terra é boa. Não pode derrubar muitos hectares, senão acaba. É o suficiente para ficar um ano, depois escolhemos outro lugar para fazer a comunidade. Deixamos a capoeira protegida, para enriquecer de novo. De 10 a 15 anos voltamos. Yanomami é nômade. Não é fixo como vocês aqui. Hoje estamos parados, por conta de saúde.

**Pergunta:** As capoeiras têm dono? Outra comunidade pode usar?

**Davi Kopenawa:** Os donos somos nós. Sim, pode [referência ao uso de outra comunidade], a capoeira. Há negociação, mas ninguém briga por terra, não<sup>18</sup>.

**Pergunta:** Pode explicar melhor por que está parado por causa da saúde?

**Davi Kopenawa:** Sim. O governo brasileiro começou a cuidar do povo Yanomami. Fez posto de saúde e pista [de pouso e decolagem de aviões]. Governo manda os médicos, enfermeiros e técnicos para ficarem no seu lugar. Então paramos, diferente de 50 anos atrás. Novas doenças chegaram.

**Pergunta:** As roças então estão ficando mais longe?

**Davi Kopenawa:** Sim. As roças ficam a mais tempo andando.

**Pergunta:** Quem está aqui já não está feliz com a paixão com a mercadoria. Como podemos fazer alguma coisa juntos? E na Amazônia, o que podemos fazer juntos com os outros que lá estão e também não estão satisfeitos? Porque esses mundos estão se chocando.

**Davi Kopenawa:** Está cheio. Está para derramar. É difícil achar um caminho. Para você e para mim. Para achar um caminho, brecha para abrir o caminho, um canalzinho

18 “Há na casa coletiva uma espécie de “jornal diário” falado aos finais de tarde onde as informações circulam” – comenta Ana Machado, que auxiliava no diálogo.

de água, isso que é difícil. É como água: a água está presa, então tem que abrir o canal. Bom, nós, povo Yanomami, estamos preocupados também. A autoridade já está acostumada com a mercadoria na cabeça. Não vão querer criar outra cidade, cidade boa. Os donos da mercadoria são contra. Eles não deixam.

**Pergunta:** Não tem jeito?

**Davi Kopenawa:** Para nós, Yanomami, eles sempre falam para mim: “o Davi tá lutando para criar outra cidade, Yanomami vai fazer outro país”. Ele fala isso. E nós estamos aqui sentados para pensar como vamos fazer. Então, tem que pensar juntos, para achar uma solução, um caminho. Tem o jeito que nós estamos acostumados e como vocês estão acostumados. Se for fazer como os Yanomami: vocês não vão comer banana assada, não vão beber água ali [como se coletada diretamente em um rio, e não na torneira], não vai morar em maloca, porque já se acostumou com casa pequena iluminada, não vai cagar assim no mato se já está acostumado a usar banheiro perto da casa. E para fazer outro *xapono*<sup>19</sup> novo é difícil, tem que pensar muito, lutar muito. Eu não vou dizer que é fácil. Pensar junto é fazer outra comunidade, diferente. O chefe de vocês vai atrás de vocês. Vai proibir. Vai falar que vai fazer outro município, que fere a lei.

Eles pensam que nós vamos fazer outro país, mais rico, porque tem madeira e ouro. Eles falam para mim: “olha, Davi está se preparando para separar, não quer mais passear em Boa Vista, entrar na loja, andar de avião”. Pensam que Yanomami quer fazer outro país, ficam de olho.

**Comentário:** A mesma coisa acontece aqui, com os movimentos de agricultura urbana e agroecologia. Quando vai plantar na cidade, fazer uma horta, a prefeitura vai lá e derruba, fala que não pode. Destroí a roça e os movimentos vão sendo sufocados. Mas estão crescendo.

**Davi Kopenawa:** Então tem que juntar.

**Pergunta:** Você fala que o pensamento não fica no papel. Mas a gente é escravo do papel. Você fala e todo mundo escreve. Como é que a gente aprende a pensar assim, sem papel?

**Davi Kopenawa:** Virar Yanomami [risos]. Tem que tomar *yãkoana* [risos]<sup>20</sup>. Você não é indígena. Vocês precisam aprender a olhar, não para mim, mas a grande alma da floresta, da Amazônia. Aqui já está tudo derrubado. Mas aprender a olhar para

19 Xapono quer dizer casa coletiva. Ver em Kopenawa e Albert (2015, p. 564).

20 *Yãkoana* é um pó produzido a partir da resina da casca da árvore *Virola* elongata. A inalação desse pó, também dita “beber”, faz parte de uma série de rituais ou sessões de xamanismo (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 612, nota 15).

apaixonar e proteger o meio. Você não vai aprender yanomami, não vai aprender a tomar *yãkoana*, não vai aprender a encantar *xapiri*, mas vai aprender a pensar o jeito, a pensar como eu pensei, em proteger e viver bem. Aprender a proteger para nossos filhos. Você já tem filho? Se não tem, está preparando coisa boa para ter. Eu estou preparando coisa boa para os meus netos. Eles vão precisar de um lugar protegido para continuar a viver. Esse livro [“A queda do céu”] não tem nem 20 anos, é a mensagem para vocês. Como nasci, cresci, como eu olhei. Olhando para a floresta, apaixonado, saúde, vendo pássaros, a floresta, andando. Eu aprendi como ser filho da terra mãe.

Você quer pensar assim? Pensa: quero ser homem, mudar a cabeça, pensar pensamentos bons. Falar com seus parentes, o seu grupo, para eles pensarem o mesmo pensamento. Você não vai aprender yanomami, mas vai aprender a respeitar, respeitar a nossa sobrevivência.

**Pergunta:** Posso dizer que *urihi* é a terra mãe?

**Davi Kopenawa:** Não. *Urihi* é a floresta. *Maxita* é a terra.

**Pergunta:** Então vocês não são parte de *urihi*, porque é a floresta, mas vocês são parte da *maxita*?

**Davi Kopenawa:** Sim. Nós moramos acima da *maxita*. Sem *maxita* ninguém vai construir a casa. *Maxita* é uma segurança, moradia dos Yanomami, mas não só. Aqui é *maxita* Brasil, onde está construindo a cidade, faz prédio alto, ruas. Yanomami usa *maxita* para fazer casa e plantar alimentação.

**Pergunta:** Não tem o sentido de território?

**Davi Kopenawa:** Não.

**Pergunta:** E esse sentido da terra mãe, que você falou agora?

**Davi Kopenawa:** A terra é, primeiro, mãe. A minha mãe nasceu. Sempre falamos que nascemos da terra. A terra é mãe, mas ninguém sabe onde mora. A fala do *xapiri*, dos saberes que eles têm, é a terra, é mãe e é mãe primeiro, que deixou nascer. Que sustenta a nossa vida, a nossa saúde. É como mercadoria. Nós temos mercadoria, temos água, fruta, caça, saúde. Essa mercadoria que vem de trás da terra. Foi assim que comecei a acreditar.

**Pergunta:** Você falou da doença da mercadoria, celular etc. Como vocês têm lidado com essa doença da mercadoria?



**Pergunta:** Aproveitando essa pergunta, temos os Yanomami, que estão bem afastados do povo da mercadoria. Do lado de cá: Paris, Nova York etc. No meio, existem outros grupos indígenas que têm casa de alvenaria, automóveis, energia elétrica etc. e grupos brancos que vivem na roça. E parece que tem um caminho grande entre esses dois extremos, várias possibilidades. Como você vê essas articulações entre esses pontos?

Por exemplo, os Xakriabá: há 20 anos, eles quase não tinham carros nem motos, só cavalos. Agora têm muitos carros e motos. Começaram a cuidar melhor da terra, mas recuperaram a língua e outros elementos da cultura. Incorporaram algumas mercadorias, mas foram buscar as origens deles também.

**Davi Kopenawa:** Tem que ter liderança forte para recuperar, retornar, ficar bom de novo. Essa doença que entrou primeiro nesses grupos, que entrou e agora está retornando. No Yanomami está acontecendo agora. O governo criou o Bolsa Família, que chamo Bolsa Preguiçoso, aposentadoria. Pessoal de cabelo branco não quer mais trabalhar, andar. Mulher sem marido, só criança na barriga: salário-maternidade. Isso acontece desde o governo Lula. Os Yanomami nunca pensaram para fazer isso. A Funai meteu o anzol na garganta dos índios. Esse anzol nunca vai sair. Bolsa Família e aposentadoria estão puxando o Yanomami para a cidade, para cheirar *mareasiki*<sup>21</sup> dinheiro, mixaria. Então aconteceu isso. Já aconteceu no *Maturacá* [aldeias no estado do Amazonas; e algumas outras aldeias yanomami]. Esse perigo já entrou – celular, bactéria na cabeça. Jovens yanomami e aqui também. Jovens ficando só olhando e não trabalham. Essa doença do celular também já entrou na cabeça dos Yanomami. Já está espalhada para manipular. Não quer trabalhar, ajudar, cuidar do roçado. Só celular e ir atrás de dinheiro. Esse costume da civilização já está lá na cabeceira, na fronteira. É um problema, muita preocupação. Como vocês estão preocupados aqui eu estou preocupado: celular, televisão, água encanada que estão querendo precisar também. E os povos da montanha estão bem. Estão protegidos, onde não andam não indígenas, não pousa helicóptero, estão bem. Mas vão chegar lá também. Porque Yanomami anda muito. Tenho muita preocupação com o futuro da gente, outra geração.

No costume do capitalista, ele não vai deixar o índio escapar, nunca. Eu penso assim. Eu penso e eu falo. Vai pegar tudo, como se pega mercadoria. Vai deixar Yanomami na cidade sofrer, virar ladrão e roubando a comida da cidade. Se não preparamos

21 A expressão *mareasiki* se refere a dinheiro em cédulas de papel e deriva da expressão *mareaxi*, que faz referência a objetos de metal, que têm classificador nominal de metal “xi” substituído por “siki”. *Siki*, em yanomami, designa o entendimento “pele”, “invólucro”. Em geral, faz-se referência ao dinheiro como algo feito de papel ou pele das árvores. Veja este trecho de “A queda do céu”: “O que os brancos chamam de papel, para nós é papeo siki, pele de papel, ou utupa siki, pele de imagens, pois é tudo feito da pele das árvores. Ocorre o mesmo com o que chamam de dinheiro. Também não passa de peles de árvores que eles escondem sob uma palavra de mentira só para enganar uns aos outros! Disseram-me que os brancos fabricam seu papel triturando madeira” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 455-456).

agora, proteger, nós aqui, também dar apoio para nós, eu acho que não vai demorar para acontecer isso.

**Pergunta:** Mas, Davi, você disse para ele [referência a outro colega do grupo] que não adianta tomar *yãkoana* que não vai ver como Yanomami. Mas ele pode mudar o jeito de ver?

**Davi Kopenawa:** Pode olhar e pensar a floresta, pensar a alma da terra, as araras voando cantando, apaixonar com vida da natureza. Ele pode tentar.

**Pergunta:** Mas como fazer as pessoas mudarem o jeito de ver?

**Davi Kopenawa:** Tem que falar nossa língua. Aí é que está o grande problema. Você conhece de mim, mas não conhece a minha língua. Eu conheço você, mas não conheço a sua língua. Você não considera amigo, não considera o povo tradicional amigo. Isso que o governo não está conseguindo, ser amigo do povo indígena. Por isso que eles estão destruindo tudo. Não quer respeitar o índio, as terras do índio.

**Pergunta:** Você conhece caso de algum Yanomami que se apaixonou pela mercadoria e voltou a se apaixonar pela floresta? Talvez seja um caminho possível para nós, reapaixonar com a floresta?

**Davi Kopenawa:** Tem um professor yanomami, que trabalha nas comunidades, ele só vai [na cidade] para receber. Ele vai e volta. Vai comprar mercadoria: anzol, linha, fósforo, panela. Mas outros atores, que saem por conta deles, chegam na comunidade e ficam apaixonados com a mercadoria e o dinheiro. O dinheiro que é mais forte, que fala mais alto. Então, índio que já se acostumou não volta mais. Não tem remédio. Tem o [referência a uma pessoa Yanomami], que se casou com mulher da cidade e não consegue voltar. Isso acontece. Mas eu e meu filho estamos na cidade para lutar, para defender o povo. Eu não estou morando na cidade. Se estivesse morando na cidade, eu não estaria aqui. Eu falaria para povo meu: “olha, eu saí da comunidade e fui morar na cidade”; “achei bonito, mais fácil”; “tem um caixa mais fácil para pegar [dinheiro]”. Pega *mareasiki*, vai no mercado. Os outros saem para fazer compras e voltam para casa.

**Comentário:** Mas hoje tem muitos jovens querendo ir para a cidade.

**Davi Kopenawa:** Tem muitos jovens querendo ir para a cidade para estudar, mas não conseguem achar uma vaga. O governo não dá a escola para Yanomami estudar.

**Comentário:** A população yanomami no Brasil é de 25.500 pessoas [2016] e 75% com menos de 30 anos. Só 4% têm mais de 60 anos. Então, o grande desafio é pensar

como é que vai ser o futuro. Poucos velhos, muita criança e muito jovem. Estão se recuperando de uma grande mortalidade que houve na época da invasão garimpeira e das epidemias. Todos na mesma terra indígena. Na Venezuela, os dados são do censo de 2011, com mais ou menos 11 mil pessoas.

**Davi Kopenawa:** Lá [Venezuela] não tem saúde para eles. Então ninguém anda por lá. Lá é pior do que o Brasil. Não tem liderança forte. Não tem amigo que dá apoio de saúde. É muito difícil para eles. Então ninguém sabe quanto que tem. Antigamente, há 30, 40 anos passados, era número maior. Mais ou menos uns 20 mil.

**Pergunta:** E vocês têm relação [com os Yanomami da Venezuela]?

**Davi Kopenawa:** Sim. Nós temos contato com eles [com uma expressão de preocupação]. Lá tem uma associação que se chama Horonami. Nós estamos entrando em contato com eles.

**Comentário:** Tem várias comunidades que ficam na fronteira, de um lado para o outro, que têm amigos na Venezuela [citam algumas comunidades].

**Pergunta:** No livro fala que os brancos se acham espertos pelo trabalho e pelas várias coisas que eles fazem. Os Yanomami também se esforçam muito, no roçado, para fazer as coisas. No entanto, a produção não é resultado só desse esforço. O que é esse esforço do Yanomami, esse trabalho, que a gente acha que é só nosso? Todos se esforçam, mas parece que são jeitos diferentes.

**Davi Kopenawa:** O esforço é diferente. É diferente. *Napë* trabalha muito. Eles preocupam fazer mais para não voltar. Fazer mais mercadoria, comida, alimentação: arroz, criar boi, criar peixe, fazer roupa, sapato. Trabalha muito. Nós, Yanomami, só trabalha com roçado. Caçar, pescar e cuidar de *urihi*. Esse é o costume do povo Yanomami.

**Pergunta:** Mas, na caça, existe o bom caçador e o mau caçador. Para o bom caçador, a caça se mostra; para o mau caçador, ela se esconde.

**Davi Kopenawa:** Cada um de nós, Yanomami, temos um filho caçador. Eu sou caçador também: de anta, de duas antas, para todos os parentes comer. Assim, nós temos o caçador bom, que pega caça suficiente para os parentes, e o caçador que pega pouca caça. E tem o bom trabalhador, que tem roçado grande. E tem o que tem medo de pegar sol e tem pouco roçado. Nosso trabalho é diferente. É trabalho para comer. De *napë* é trabalho para vender, para mandar para outra cidade pequena ou para mandar para a China. Então *napë* trabalha muito, para desenvolver a cidade. Nosso desenvolvimento

é para nossa comunidade se alimentar, para nossos filhos. Essa é a diferença.

**Comentário:** O senhor relata algo bastante interessante, que vocês pegaram uma coisa que é do branco – a mercadoria – que é uma coisa que o branco criou para não ter que ter relação com ninguém. Aí vocês transformam isso numa coisa que carrega um sentimento bom, de amizade.

**Davi Kopenawa:** Yanomami dá um machado, quem recebe repassa e assim por diante.

Meu povo não vai vender terra. Terra não é para vender, terra é terra, não se vende. O homem branco que compra terra, é pouco dinheiro, fica enganando o outro parente, outro amigo. O costume de vocês é diferente. Nós não podemos fazer assim, não. Não pode vender, não. Se vender tudo, nós vamos perder tudo. *Napë* vai dar assim: uma espingarda, uma espoleta e assim já está pago. Se nós, Yanomami, não ficarmos esper-tos, ele vai pegar toda a terra do Yanomami. Como aconteceu: o governo chegou aqui, invadiu o nosso Brasil e pegou tudo. E, até hoje, nós estamos só com um pedacinho da terra.

**Pergunta:** Mas tem *napë* que acredita que a terra não tem preço. Poucos, na verdade. Então o que estou perguntando é o seguinte: será que se colocar esses poucos, que também são apaixonados com a terra, para conversar com vocês, seria legal? Será que teria coisas para um aprender com o outro?

**Davi Kopenawa:** Sim, acho que é por aí mesmo. Tem que conversar muito. Perguntar um *napë*, perguntar outro *napë*: será que esse é o pensamento bom, para pensar junto para proteger o nosso lugar, nosso planeta, nosso pedaço do planeta? Acho que tem que funcionar assim.

**Pergunta:** Davi, quanto aos *napë* que vivem na cidade, você acha que teria alguma maneira deles voltarem a se apaixonar pela floresta, pela alma da terra, como você falou?

**Davi Kopenawa:** Não. Porque só vai se apaixonar com o turismo, ecoturismo. Esses são quase apaixonados [risos]. Só vai para olhar, tirar fotos, interessar, para descansar. Para viver, não.

**Comentário:** O problema é que para ir tem que ter muito dinheiro. Tem que ter dinheiro antes.

**Davi Kopenawa:** É. Agora que você está acostumado na cidade, você não vai se

acostumar assim, longe da cidade, longe de sua família, de sua mãe, seu marido, sua filha. Você não vai se apaixonar com a floresta, não. Você vai lá e passando 10 dias você volta. Algumas pessoas se apaixonam, como os ribeirinhos, que moram longe da cidade. Esses se apaixonam. Esses ribeirinhos são acostumados há muitos anos, caçando, trabalhando, pescando na beira do rio. Mas eles são de lá, nasceram lá. Como você nasce na cidade, diz que não vai se apaixonar. Mas você pode se apaixonar assim: se pensar. Você quer se apaixonar? Vai lá, reúne um grupo, vamos olhar a cara do meio ambiente, olhar e se apaixonar para ajudar a lutar e defender. É assim que eu quero.

**Pergunta:** Davi, você falou, naquela hora, que economia é comida e falou de *nĚ ropĚ*, explica para nós: o que é o *nĚ ropĚ*?

**Davi Kopenawa:** *NĚ ropĚ* é uma riqueza. Nosso país é *nĚ ropĚ*, nosso Brasil inteiro. É muito rico de água, de terra boa, terra preta, amarela, muitas florestas, muitas cachoeiras, rios cheios de peixes, também para fazer remédio medicinal que fica na floresta, abelhas para fazer própolis e mel e outras que a gente usa, madeira. Tudo que está dentro do universo a gente chama *nĚ ropĚ*.

**Pergunta:** De onde vem?

**Davi Kopenawa:** Vem da terra e da floresta essa *nĚ ropĚ*. *Omama* que plantou a riqueza na terra. Muita comida para comer à vontade, tomar banho à vontade. Como vocês falam: comida, bolacha, café. Isso que é *nĚ ropĚ*.

**Pergunta:** *NĚ ropĚ* pode acabar um dia?

**Davi Kopenawa:** Um dia acaba! Sim! Acaba, sim. Aí vem *Ohinari*<sup>22</sup>, depois da riqueza, que vai embora para outro lugar. *Ohinari*, que vem atrás, fica no lugar. A riqueza vai embora. Pobreza vai chegar. Como a água [com referência ao nosso espaço] que não tem nenhum peixe. Você está vendo aí, no meio, a riqueza foi embora, morreu. A pobreza ficou no lugar da riqueza. Então a riqueza, *nĚ ropĚ*, que nós temos é a saúde. Isso é *nĚ ropĚ*.

**Pergunta:** Como que faz para *nĚ ropĚ* voltar?

**Davi Kopenawa:** Não volta. Ele vai para outro lugar, onde não mora ninguém, ele vai para lá. *NĚ ropĚ* é que está aqui. Tem uma vitamina boa, você raspou, contaminou tanto que a riqueza foi embora. A pobreza fica no lugar. Falta água, comida.

**Pergunta:** Isso *xapiri* não resolve?

**Davi Kopenawa:** Não. *Xapiri* não resolve. Eu [como pajé] não resolvo.

22 *Ohinari* é a imagem-espírito da fome, "ser maléfico" (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 207-208, nota 25).

**Pergunta:** Yanomami também faz *nĕ ropĕ* ir embora ou só *napĕ* que faz?

**Davi Kopenawa:** Yanomami não vai mandar embora *nĕ ropĕ*. *Xapiri* protege, não pode ir embora. *Napĕ* é que usa grande máquina, raspando a pele da terra. A terra saindo de sangue. Mas *napĕ* não está sentindo, não está olhando. Não está percebendo que a terra está sofrendo. Ele não se preocupa. Ele quer benefício para ele. Trabalhando e benefício fica para ele. E nós, Yanomami, índios, falando que não pode derrubar, não pode cavar buraco e ele não escuta, não entende. *Napĕ* quer a terra, mas ele não cuida. Yanomami quer a terra e está lá, não está destruindo, não está vendendo.

**Pergunta:** Tem jeito de ensinar jovem *napĕ* a ver *nĕ ropĕ*?

**Davi Kopenawa:** Tem, sim. Tem que preparar projeto para o Yanomami ensinar o jovem da cidade. Tem que trazer cada professor indígena. Parentes daqui: Maxakali, Krenak, Pataxó Hã-hã-hãe, Guarani, Makuxi, Xakriabá, Kayapó, Xavante, Yanomami.

**Pergunta:** Fazer projeto como?

**Davi Kopenawa:** Escreve no papel.

**Pergunta:** Então *nĕ ropĕ* pode ajudar a ver?

**Davi Kopenawa:** *Nĕ ropĕ* para ajudar a proteger lugar inteiro. Proibir de entrar homem destruidor. Proibir entrar o trator que raspa a terra. E não proibir os índios. Se ficarmos juntos, nós temos força, índio e *napĕ*, que estamos firmes com a natureza. Eu acho que funciona assim. O jovem não indígena vai aprender bastante, para acreditar. Não adianta ficar falando entre nós. Tem que fazer alguma coisa. Tem que ir atrás de *mareasik* [dinheiro]. Recurso. Sem dinheiro não tem trabalho. No mundo do *napĕ* não funciona. Sem machado não posso fazer nada. Tem que ter na mão, se não, não funciona.

**Pergunta:** O mundo do *napĕ* está sofrendo com o aquecimento global. Você acha que, em alguns lugares, onde está muito quente, tem enchente, está faltando água, mesmo com essas mudanças todas, sacudindo o mundo dos *napĕ*, eles não vão aprender a pensar?

**Davi Kopenawa:** A mudança climática já cresceu a raiz já faz tempo, para cortar fica difícil. Já nasceu faz tempo. Autoridade que já fez reunião, já gastou dinheiro e não resolveu nada para minimizar a fábrica de ferro, a fumaça, a *xawara*<sup>23</sup>. A *xawara* está nas pedras e *napĕ* tem um forno grande, muito quente para derreter. Então as pedras venenosas ficam no rio e saem no ar. Isso está matando as aves e peixes que

<sup>23</sup> Xawara designa doenças infecciosas e contagiosas, que seriam propagadas na forma de fumaça – *xawara wakixi* (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 613, nota 28).

estão no ar. Assim nós pensamos e falamos. Saímos e vimos muito peixe morto e plástico jogado no rio. Poluição que chama, mudança climática. Na Califórnia o fogo está queimando. A floresta lá não é natural, é plantada. Está queimando. Isso provoca mudança climática.

**Comentário:** Mas tem uma coisa que é natural que provoca isso. Tem um matinho deles, que se chama *xaparrau*, que a cada ano entra em combustão e pega fogo sozinho e isso é um problema sério.

**Davi Kopenawa:** O senhor está falando que pega fogo sozinho, então o perigo está na terra. Para nós, eu aprendi a olhar, se chama *Moroxi Wakë<sup>24</sup>*, ele está lá em cima, cai na terra e ela pega fogo, isso *xapiri* conhece.

**Pergunta:** A floresta plantada não é igual à outra floresta?

**Davi Kopenawa:** Não. A floresta plantada não é igual à natural, não tem força para chamar chuva. *Napë* acha que vai reflorestar a terra. Refloresta só para ganhar dinheiro. Para fazer papel, só isso que é o pensamento dele. São muito inteligentes, mas nem tanto.

**Pergunta:** Os ribeirinhos são *napë* também?

**Davi Kopenawa:** Não. São *kraiwa<sup>25</sup>*. Daqui do Brasil. São nascidos aqui no Brasil. Já aprenderam a ver *në ropë̃*. Moraram lá no rio Negro, quando cresceu a cidade [Barcelos] eles desceram e se acostumaram. A energia da cidade para nós é muito forte. E a escola do governo é muito poderosa. Ribeirinhos começaram a estudar e se apaixonaram e largaram a vida de ribeirinho. A escola é muito forte para nós. Ele tem dois caminhos: o bom e o ruim. O da mercadoria e o da saúde, de viver bem. É assim que estou tentando ensinar os kuruminzinhos, meus amigos da aldeia.

**Pergunta:** Davi, eu estou com uma dúvida, é quanto ao papel do Estado. Você falou, várias vezes, que acredita no diálogo entre o Yanomami e o branco para chegar num consenso. Mas você falou, no início, que o Estado é muito forte, manipula pensamento. O Yanomami tenta sair dessa figura do Estado, que já tem uns 500 anos que vem invadindo, tomando conta. E nós, brancos, trabalhando na mesma perspectiva, que temos essa figura do Estado por detrás, o que teríamos que fazer com o Estado? É brigar como inimigo ou fazer parceria com o Estado?

**Davi Kopenawa:** Estado é maior, governo. Tem que convocar reunião para tentar conversar com o dono do Estado. Nós somos guerreiros pequenos, o Estado, governo,

24 Pode ser entendido como um fogo xamânico subterrâneo, associado aos vulcões (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 678, nota 12). “Esse fogo vem de onde mora o sol e, no lugar em que vive, as águas estão sempre fervendo. Seu representante é o que os brancos chamam de vulcão. É tão poderoso que queima até a areia e as pedras” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 203).

25 *Kraiwa* é uma expressão utilizada para designar os primeiros forasteiros/inimigos que não eram outros povos indígenas da região (*napë pë yai*) (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 634, nota 13).

é guerreiro maior. Para tentar mudar tem que conversar muito. Para ele pensar, o homem grande, chefe grande, presidente, pensar. Para mim, como sou Yanomami, é muito difícil mudar. Não vou dizer: “vamos mudar o Estado”. Vamos mudar nosso pensamento, vamos tentar. O pensamento e costume da cidade são antigos. Eu acho muito difícil. Eles são governo, pegam nossos pensamentos e fazem a mensagem do índio para oferecer na escola, passeata, moradia. A alma do Estado funciona assim. Não é fácil mudar o Estado. Ele manipula tudo. Eu acho que é melhor nós ensinarmos nossos filhos e filhas para pensar esse caminho. Para não pensar muito no pensamento só do Estado. Tem que ter muito cuidado.

**Pergunta:** Você disse que para nós, que somos povo da mercadoria, é muito difícil ver a grande alma da terra. Você pensa que a gente, nessa cidade da mercadoria, poderia encontrar uma grande alma da cidade? Como você disse que a liderança encontra o roçado, será que a gente não encontra na cidade um caminho para uma boa vida?

**Davi Kopenawa:** União. Tem que se unir. Unir com outros parentes indígenas. Para conseguir a solução, onde está escondido, guardado nosso poder. Depois ele vai se aproximar para dar coragem entre nós, para conversar com autoridade. Nós, esse grupo aqui, não somos autoridade, somos caçadores. Somos time, time bom. Temos que pensar como vamos achar uma solução para se unir. União que nos traz força. É uma aliança para falar com gente grande: “não pode fazer isso aqui, tem que parar”. Vamos proteger esse lugar, que são nossos filhos, a geração futura. Então tem que pensar para falar com autoridade. E tentar olhar, também, a direção que nós estamos querendo chegar.

**Comentário:** Pois é, Davi, esse aqui é um time bom. Está todo mundo olhando para você, esperando para saber como é que vai ser o jogo.

**Davi Kopenawa:** É, vocês estão andando. Vocês já viram rastro de onça? Nós somos cachorros bons, cachorros guerreiros, para poder enfrentar bicho grande. Então tem que criar a nossa sabedoria, a nossa inteligência. Preparar menina inteligente para escrever projetos. Sem projeto ninguém vai conseguir [risos]. Leva e o grande chefe vai aprovar: “esse aqui é bom, eu posso dar esse dinheiro para vocês”. Eu acho que assim nós vamos conseguir.

**Pergunta:** Você está dando uma direção, talvez, né?

**Davi Kopenawa:** Eu estou tentando dar uma direção. Fazendo a ponte para que possamos atravessar. Não pode deixar a ponte no meio do rio, não. Tem que atravessar até o ponto que vamos proteger o nosso país.



26 A Convenção nº 169 da OIT estabelece um conjunto de direitos, em especial a consulta prévia, a serem aplicados a povos indígenas e tribais.

**Pergunta:** Você está dizendo que precisamos nos unir para juntos falar alguma coisa com gente grande, autoridade?

**Davi Kopenawa:** Sim. Falar com autoridade que tem *Mareasik*. Falar com 169 [Resolução 169 da Organização Internacional do Trabalho – OIT<sup>26</sup>]. Esses é que são chefes. Tem que fazer namoro de onças.

**Comentário:** Explica o que é o namoro de onças.

**Davi Kopenawa:** Eu aprendi assim: no namoro de onças, aqui [referência espacial] está o *napĕ*, ali o indígena da floresta, aqui [terceiro lugar] homem da cidade com poder. Estou com as mãos vazias, então tenho que saber conversar. Conversando, é o que eu chamo de “namoro de onça”: olhar bem, no olho, na alma. Foi assim que aprendi. Aprendi tomando *yākoana*, a sabedoria de *Omama* falou assim: “olha, Davi, toma muito cuidado. Esse *napĕ* é muito perigoso e também não escuta, é sapo duro. Tem que saber também morder, como se morde um carrapato”. Saber conversar, negociar para conseguir apoio. Assim que funciona namoro de onça, com quem tem dinheiro.

**Pergunta:** Você falou muito que precisa de conversa. Mas como a gente conversa quando não fala a mesma língua? Não só a mesma língua, mas quando é muito diferente. Qual é o caminho para a aliança entre povos diferentes, sejam os vários povos indígenas, sejam brancos, ribeirinhos? Tem um caminho para essa aliança?

**Davi Kopenawa:** Eu peço a todos para pensar, por indígenas e outros povos do mundo. Eu aprendi assim. Eu não penso só na minha família, não, mas em todos que estão sofrendo. Eu não estou sofrendo mais, mas estou lutando. Aquele povo é meu povo. O povo negro, quilombola, também são irmãos, sofrendo com a gente. Não indígenas que moram em favelas também são como nós, de mãos vazias. Não têm nada. Fosse todo mundo pensando como eu penso, acho que daria pensamento positivo. Convocar reunião e convidando aqueles que estão sofrendo. Povo da favela, quilombola, indígenas que não têm terra demarcada, quem não tem caça, sem terra para plantar. Então tem que convidar. Para pensarmos juntos. Quem está junto com a gente? Igreja, CIMI. Funai, hoje em dia só tem o nome, já quebrou. Movimento indígena. Associações como a Hutukara e outras. As da cidade também. Esse grupo se juntando e convocando uma reunião nacional, também com gente da Europa, que fica de olho na natureza e que dá dinheiro para o governo para cuidar da nossa floresta amazônica, que o governo não está cuidando e só recebendo dinheiro. Como foi na

ECO-92, quando os garimpeiros estavam invadindo nossa terra. Então tem que fazer uma reunião, para pensar juntos a situação do Brasil. Eu penso assim.

**Comentário:** Davi, então vamos querer continuar essa conversa. Olha bem para esse time, que ele é bom. Estamos pensando em fazer alguma coisa juntos sobre a Amazônia. Hoje foi namoro de onça, daqueles difíceis. Não é? Olhando de longe, desconfiado. E você falou, muito sério, que é difícil. Mexer com o Estado é difícil. Não é fácil esse caminho entre dois mundos, o mundo Yanomami e o mundo da cidade e da mercadoria. Não dá para fazer de conta que é fácil. Ele [Davi] não brinca de maneira nenhuma nessa hora. Mas você já percebeu também que dá para fazer algumas parcerias, não é? Então, queria que você fosse embora de nosso encontro hoje pensando nisso, que essa conversa tem que continuar.

**Davi Kopenawa:** Continua. Nós já plantamos a semente para nascer nossa árvore. *NĒ ropĕ̃* vai fazer crescer nossa árvore de luta, para dar flor e frutas. E nós vamos comer [risos].

Ao final, alguém do grupo disse: “é o Karl Marx da floresta”. Talvez porque aprendeu, em profundidade, quem somos nós, *napĕ̃*. Porém, talvez seja melhor seguirmos – nós, *napĕ̃* – sem compará-lo com nossas referências. Nesse namoro de onça, devemos estar atentos ao “recado da mata” de Davi Kopenawa Yanomami, propriamente dito, que nos diz, como ninguém do mundo dos *napĕ̃*, que é preciso aprender a nos apaixonar pela floresta, pela terra, pela vida, hoje e amanhã. Sem essa paixão boa e ética, o céu vai cair.

## Referências

BRASIL. Câmara dos Deputados. PEC 215/2000: Proposta de Emenda à Constituição. Acrescenta o inciso XVIII ao art. 49; modifica o § 4º e acrescenta o § 8º ambos no art. 231, da Constituição Federal. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2000.

GOMES, Ana Maria R. et al. Mundos indígenas: apresentação. In: GOMES, Ana Maria R. et al. Mundos indígenas. Belo Horizonte: UFMG, 2020. p. 17-19.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um *xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KOPENAWA, Davi. *NĒ ropĕ̃*. In: GOMES, Ana Maria R. et al. Mundos indígenas. Belo Horizonte: UFMG, 2020. p. 24-51.